A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 43 | Domingo 22 de outubro | 1893

Doutor Manuel Paulino d'Oliveira

E' um sabio.

Mas — como póde elle ser, quando muito, um homem intelligente, se nunca fez um discurso na camara, não consta que jamais cruzasse um dicto de espirito com o sr. Barjona, nunca descompoz o sr. José Luciano, nem o sr. Hintze Ribeiro, e é incapaz de um artigo de fundo sobre a marcha dos acontecimentos politicos?!

Ora nós vamos explicar ao leitor portuguez, pouco habituado a sabios, como isso póde ser.

N'esta bôa sociedade pequenina, n'esta pacata aldeola da Europa, quem abra loja de productos cerebraes para servir o publico tem de ter na quitanda tudo: versos, discursos, pensamentos profundos, artigos de critica artistica, pelo menos uma solucção para a quadratura do circulo, outra para a velha questão do Oriente, e uns unguentos milagrosos, de formula secreta, para curar as mazellas da nação enfermiça. Os generos escusam de ser de primeira qualidade. Qualquer vidraria luzente satisfaz o indigena; mas carece variado sortimento — vestidos de sêda para engalanar ideias, lentejoulas de espirito, a manteiga do discurso eleitoral, a pimentinha do artigo de opposição — tudo — de tudo emfim. E não pretenda conquistar o bem publico lusitano quem tiver commercio — por grosso — n'um ramo qualquer da actividade cerebral. A terra não dá para tanto. Garcia da Horta seria perdido para a geração actual se a mão piedosa do Conde de Ficalho o não remomorasse esculpindo-lhe o nome em livro monumental. Carlos Ribeiro, morto ha dois dias, vive apenas para a estima publica no nome de uma sociedade de rapazes. Dos raros que entre nós hoje labutam na faina do saber — que nomes conhece o nosso publico? Nenhum.

Perante esta desoladora e criminosa indifferença raros se mantêm firmes no seu posto: uns, o maior numero, desertam de vez para a politica, outros esterelisam-se em uma dispersão macabra, e morrem quasi loucos agitados.

Antonio Augusto d'Aguiar deixou de ser um chimico eminente para ser um politico de segunda ordem. José Julio Rodrigues, que encetou a sua vida publica com trabalhos de primeira grandeza, sentiu-se afogar n'este meio maldicto, e no fim da vida bracejava conferencias scientificas, *pour les gens du monde*, artigos politicos nos jornaes; — debatia-se em esforços inuteis n'uma agonia a que succumbiu. E o seu cerebro possante, o seu cerebro de homem de sciencia esvaiu-se quasi improductivo na multiplicada dispersão que este meio lhe impoz. E assim se vae apagando a nossa nacionalidade! Porque uma nação não vive da intriga de senhoras comadres em que todos andamos atascados, vive dos seus homens grandes, vive da sua sciencia, vive da sua arte, vive dos productos que leva ao grande mercado das ideias, e com os quaes firma n'elle a sua autonomia. Como ha de haver alma nacional, consciencia nacional sem ideias proprias, sem sentimentos nossos?! Fazemos musculos com trigo exotico e cerebros com ideias estranhas. Os livros das nossas aulas ensinam-nos a grandeza da França, a litteratura que por ahi anda na mão de todos obriga-nos a vibrar a unisono da alma franceza, da alma slava, da alma de to-

das as nações... E de portuguezes que fica depois d'isso tudo? Um patriotismo gritado pela praça publica em estertores momentaneos, uma evocação dos nossos maiores — dos que foram portuguezes — mais nada: e continuamos a importar trigo exotico e ideias estranhas.

Em Portugal quem conhece meia duzia de nomes dos verdadeiros homens de sciencia que possuimos? Aos ouvidos dos leitores da *Semana* chegou alguma vez já o ruido do applauso com que o publico ou qualquer governo galardoasse os trabalhos scientificos do doutor Manuel Paulino? Sim, talvez.

Talvez ouvisse dizer que elle foi agraciado... pelo governo francez com a legião d'Honra por trabalhos realisados em Portugal ácerca do phylloxera, e traduzidos em França e profusamente distribuidos entre os viticultores d'aquella nação. Talvez tenha ouvido dizer que elle é apreciado no «Estrangeiro»; que o consultam sobre as mais intrincadas questões da entomologia.

Para o nosso paladar — sabios — só como o Madeira — de torna viagem.

Quando se iniciou a rêde dos caminhos de ferro portuguezes, mandou-se pedir á Escola parisiense des *Ponts et chaussées* um engenheiro competente para dirigir a construcção. A escola estranhou o pedido, partido de uma nação que tinha entre os seus engenheiros um que se havia provado distincto entre os distinctos e indicou-lhe João Evangelista. Foram-lhe então utilisados os serviços. Modernamente ahi estão quasi desconhecidos Terra Vianna e Andrade *dois prèmiers sortants* das escolas francezas: e continuamos a pedir engenheiros estrangeiros para a lavra das nossas minas e direcção das nossas industrias, até que *de lá* nos digam que os temos entre nós. Do que o doutor Manuel Paulino tem feito no nosso paiz de certo poucos sabem.

Ahi vae. E' immeuso, mas é tam simples que se diz em duas linhas.

Professor — ensina. Homem de sciencia — tem feito sciencia.

Ha = trinta e tantos annos = que a fauna entomologica do paiz passa sob a sua lupa de sabio. Ha trinta e tantos annos que elle percorre Portugal de Norte a Sul, da Nascente a Poente, subindo montes, descendo a cavernas, vasculhando tudo que lhe acoite um pobre insecto, e classificando-o, catalogando, descrevendo o muito que tem encontrado de novo.

Ha annos foi surprehendido com a nomeação para dirigir os serviços phylloxericos, que então se pretendia installar. Quiz escusar-se. Andou a indagar quem era um Barros e Cunha que lhe escrevia sobre o assumpto. Soube então que era o Ministro das Obras Publicas! Teve de acceitar. Trabalhou rudemente e os agricultores do Douro lembram ainda com saudade o bom serviço que lhes prestou. Installada e regularisada a lucta contra o phylloxera, instou pela demissão que obteve, e voltou aos seus bichos.

Ultimamente alarga a area das investigações á fauna maritima e dirige com amoroso e productivo desvelo o Museu de Historia Natural da Faculdade de Philosophia.

A esta hora em que eu escrevo é provavel que elle, de regresso á Universidade, que hoje se abre, desencaixote a colheita das «férias», feita n'algum perdido recanto das nossas costas maritimas; e alegre e satisfeito, respirando uma atmosphera, onde não bailam os aromas preferidos das leitoras da *Semana*, assim vae arruinando a saude e firmando o seu legitimo nome de sabio. E' de suppor qne se o transportassem para o recinto elegante de qualquer *five o'clock* ou guindado *raout* se sentisse incommodado. E póde affirmar-se que n'este momento ignora por completo se se trama ou não contra a vida ministerial do seu collega na Faculdade Bernardino Machado.

Mas os sabios «lá por fóra» são do mesmo feitio. Discursos só lidos e sobre assumptos que cultivam; em conversatas do gremio — *uns pobres d'espirito* — e acerca d'este mundo tam candidamente ingenuo que a uma das maiores glorias da França moderna eu ouvia, apoz uma rara noite de theatro, o pittoresco relatorio das suas impressões e a confissão commovente «de que tinha gostado tanto que já havia dicto á familia que para o anno haviam de lá voltar.»

E o publico não os troça; reverencia-os e orgulha-se d'elles.

Reverenceie o publico portuguez os seus artistas e homens de sciencia, que, como o Doutor Manuel Paulino, têm consagrado toda a vida a um trabalho portuguez. É esse o unico, o verdadeiro patriotismo.

Leça da Palmeira, 16 de outubro de 1893.

WENCESLAU DE LIMA.

POLITICA SEM POLITICA

Quando ao ar subiam as girandolas que saudaram o sr. ministro do reino pela nomeação do sr. Veiga para o cargo de chefe da policia judiciaria e juiz instructor, houve quem, associando-se a essa manifestação, pozesse discretamente a hypothese de que, o referido juiz, talvez os enthusiastas de então, acabassem por achal-o bom de mais.

De feito, já os remoques e as ironias, começaram. Uns

chamam-lhe *corregedor*, outros *inquisidor*, e alguns com mais pretenção scientifica acham que elle tem propriamente a *monomania da perseguição... dos réos.*

Este diagnostico temol-o por bom. Affigura-se-nos, porem, não só physiologico, mas altamente honroso para aquelle sobre quem recahe. Porque, dado que perseguir os criminosos é a funcção profissional do sr. juiz Veiga, a increpação que se lhe faz é apenas o seu elogio, o seu maximo elogio. É como se se dissesse de um empregado de secretaria: F. tem a monomania de ir á repartição todos os dias cumprir com a sua obrigação.

Mas n'este paiz onde tão poucos cumprem os seus deveres, apparecer um que o desempenhe á risca, toma já as proporções de um caso pathologico, e, no ponto de vista do zelo, reconhece-se agora que se torna mais estranhavel o de perseguir réos... do que o de ser o proprio réo.

Assim, graças aos progressos da critica, a opinião, que sobre este mesmo particular professava já o estimavel *Pera de Satanaz*, vai obtendo fóros de cidade!

Impoliticus.

CONFIDENCIAS Á GUITARRA

(Continuação)

41

Engraçado o pé pequeno,
E o cabello côr de trigo!
Engraçado o azul dos olhos...
Engraçado... o que não digo.

42

Engraçada! viva a graça!
Nunca vi, na minha vida,
Em mulher tão engraçada,
Tanta graça reunida!

43

Tanta graça reunida
De meu peito é já tormento;
Engraçadas certas cousas,
Que eu tenho no pensamento,

44

Engraçadas são as ondas,
Em balanços sobre o mar;
Engraçado, na mulher,
O que as ondas faz lembrar!

45

Não ha nada com mais graça,
Do que o sol quando apparece;
Engraçados certos olhos,
Que eu roubava, se pudesse!

46

Sopra o vento; vejo o pé;
Mais do que este um bocadinho;
Engraçado o que estou vendo,
Talvez mais o que adivinho.

47

A tua voz, cantadora,
Quanto brilha, quanto val;
Parecem continhas d'oiro,
A cahir sobre o cristal.

48

Cantigas, que eu hoje canto,
Já passaram, com mais dita,
N'uma garganta afinada,
E n'uma bôca bonita.

49

Cantigas, que ella cantou,
Cada uma á outra diz;
Fomos cantadas por ella,
Tivemos sorte feliz.

50

Cantiga minha, se a canta
Sua voz engraçadinha,
Tem tanta graça depois,
Que já não parece minha.

51

Ha cantigas só da rua,
Outras andam pela côrte;
Até para ser cantiga
É precisa a boa sorte.

52

Lindos dedos de marfim,
Na guitarra acompanhando;
Uma princeza a tocar,
Outra princeza cantando.

53

Guitarra, que estás vibrando
Em notas repicadinhas,
As penas que tens cantado
Não são nada ao pé das minhas.

54

Coração, que eu só conheço,
Podia uma escola ser,
Onde todas as guitarras
Fossem penas aprender.

55

Guitarra, cantas a medo,
E foges ás leis do amor;
Se dissesses o que eu sinto...
Cantavas com mais ardor!

56

Seu pensar não quero ouvir,
Guitarra, não digas, não.
Se o que ella pensa, dissesses,
Gelavas-me o coração.

57

Guitarra, não te percebo;
Segredos nenhuns te arranco;
Nasceste ao pé das geleiras,
És feita de abeto branco.

58

Ninguem entra á força viva
N'um coração de mulher!
Ninguem a obriga a cantar,
Quando a guitarra não quer!

59

Se finge que não entende
Hesitante, a fronte inclina.
Quando mente, bem conheço...
A guitarra desafina!

60

Ah! guitarra, se eu pudesse,
Cingia-a com tanto ardor,
Que até seu peito gelado
Chegaria a ter calor!

(Continúa). FERNANDES COSTA.

As joias de D. Ignez de Castro e o calice d'Alcobaça

A versão que considera o calice como provediente das joias de D. Ignez de Castro tem tal ou qual fundamento, embora este, examinado á luz da critica, seja considerado apocrifo. No codice 104 da livraria do mosteiro de Alcobaça, e que hoje se guarda na Bibliotheca Nacional de Lisboa, lê-se n'uma folha de guarda em papel, antes do texto, que é todo em pergaminho:

Hunc librum donauit huic monasterio illustrissimus dominus Joanis epüs egitanensis Filius notus regi eduardi cuius anima requiescat in pace.

Maximum claustrum huius cenobu quod est silentü edificauit añs rex dionisius bone memorie imporita sibi penitentia utc um fundaret eo quod criminosos non nules extraxerit ab hac ecclia et miserit eos occidi.

Calicem aureum cum patena que est in tesauro donauit rex Petrus ex armilis et pendentibus dne Ines de Castro inclite regine Portugalie et algarbü, pro cuia anima donata fuit villa de Paredes.

Esta nota parece ser do seculo XVI e exarada ali por mão d'algum falsario ou impostor, que se quiz divertir com a ingenuidade de seus confrades, se não foi com algum fito interesseiro que se deu a este trabalho. Penna de escriptor moderno lavrou por cima esta sentença:

Falso narrata et ignaré scripta

e accrescentou por baixo:

littera decimi sexti saeculi, et falso narrans.

O codice contém as Homilias de Origenes em latim, e é um perfeito trabalho calligraphico com letras capitaes bellamente illuminadas, d'um vivo colorido. Diz-se no anterosto ou folha de guarda, em letra moderna, que fôra escripto por fr. Martinho de Espozende, monge de Alcobaça. Não sabemos qual o fundamento em que se estribaram para esta e similhantes attribuições, que se encontram nos outros codices, devidas por ventura aos auctores do *Index* publicado em Lisboa em 1775. Alguns dos codices declaram effectivamente, quasi sempre na subscripção final, o nome do auctor, mas outros calam-n'o, ou dizem-n'o d'um modo muito summario. É possivel que quem fez a classificação tivesse em seu poder alguns dados, que lhe servissem de guia, mas se esses dados existiram, parece não terem chegado até nós. Se havia alguma annotação antiga, inutilisou-se, sem que ficasse vestigio. O codice 104 não é com effeito d'um anonymo: lá vem no fim o nome do *scriptor*, que é simples-

FOLHETIM

O CASTELLO DE ALMOUROL

II

— Ora! Bugalhos, sr. meu genro!... Sacudil-o?! Como?...

— Mettendo-lhe medo.

— Ao sr. Fr. João, que é rijo com ferro e valente como as armas?!... Vai dormir, Pedro, isso é somno.

— Sim sr., metter-lhe medo, porque não?...

— Com as almas do outro mundo, aposto, como tens feito á lambareira da aya e ao nescio do escudeiro? atalhou Antonio Rodrigues com uma rizada de escarneo.

— Com as almas do outro mundo, sim senhor!... Cuida que o frade não foge?... Hade vel-o em camisa no pateo, mais branco do que os lençoes da cama.

— Deixa-te de historias, Pedro?... As visões com o frade não pegam. O que apanhas é algum tiro... e olha que é caçador que não erra.

— Pois deixe-o ser. Fico por mim. Entregue-me o negocio, e verá...

— Emfim, lá sabes as linhas com que te coses... Mas toma sentido comtigo! O frade é ladino, sei que vem desconfiado de nós, e tenho muito amor á pelle.

— Socegue. Eu tambem não tenho odio á minha. Diga-me: se Fr. João vier, aonde o mette?

— Aonde o metto?!... Porquê?

— Preciso saber.

— No quarto verde talvez...

— Nada! Dê-lhe o quarto dos armarios.

— Mas!...

Houve outra pausa. O feitor olhava suspenso coçando sempre a nuca. O genro ria-se para dentro, raspando a nodoa do calção.

— Tu não me dirás o que intentas fazer, Pedro? Tenho medo de ti e do teu risinho.

— Pois não tenha. Hade tudo correr como um brinco, louvado Deus e sua mãe Maria Santissima.

— Mau!... Se me resmungas nomes de santos temos maroteira e grande!... Pedro! .. Toma cuidado! Nem uma beliscadura, nem uma picada de agulha no sr. Fr. João... Não é por elle, é por mim. Nada de graças pesadas! Não me quero vêr na cadeia comido de pés e mãos. Leve antes a bréca as terras.

— Ai, tio!... Não se faça teimoso, e não esteja calumniando as minhas intenções... Valha-me a Senhora Sant'Anna.

— Mau! Tornas aos santos!... Que é isto?...

— São passos.

— E vozes... Chega á fresta e vê!

Pedro Lavareda obedeceu.

Um vento rijo e chuveirões puxados com força bateram-lhe na cara, apenas abriu o pesado caixilho, e arriscou a cabeça para espreitar o que se passava no rio. O devoto personagem recolheu á pressa o

mente Martim ou Martinho, sem declarar a naturalidade, que se lhe attribue, Espozende. Eis a subscripção final:

Lætat martin' scriptor ccolumini huius
Equo ppetuu spat suscipere munus
Orat lectorê legerit que codice ñro
eius pflatre laudes pfudê xpo.

A tradição de que as joias de D. Ignez de Castro foram a materia prima do calice de Alcobaça parece-nos pois uma pia fraude, posterior por certo a 1519, porque no inventario da sachristia d'esse anno não se faz a menor allusão a similhante facto, que não deixaria tambem de apparecer nos demais registos historicos da casa.

Resta finalmente a terceira versão, a que attribue o calice a presente de D. Manuel. Não apparece documentada, não é exacta, mas é a que mais se aproxima da verdade. Applicando ao caso a fabula do cordeiro, e invertendo o raciocinio do lobo, poder-se-ha dizer: *se não foi o pae, foi o filho.*

O infante D. Affonso, cardeal e arcebispo de Lisboa, foi tambem commendatario de Alcobaça. No exercicio d'estas ultimas funcções, foi dos que maiores serviços prestou ao convento, attendendo conjunctamente ao material e ao espiritual. Fez obras importantes e deu impulso aos estudos. A elle se deve o côro, a sachristia, a enfermaria, e o *calice d'ouro, mirificamente lavrado.* O registo dos beneficios produzidos em Alcobaça pelo filho de D. Manuel acha-se exarado na seguinte passagem do *Chronicon Alcobacenu*, publicado por fr. Fortunato de S. Boaventura nos Additamentos á sua *Historia chronologica e critica da real abbadia de Alcobaça:*

«Anno domini MDXL Migravit ab hac vita ad dominum illustrissimus Alfonsus infans filius Emanuelis 14 Regis portugalie. Qui cum rome cardinalis fuisset tituli sanctorum Joannis et Pauli fuit etiam Vlixbonensis archiepiscopus et elbaremis perpetuus Ministrator, pariter et hujus cenobii commendatarius, cujus anima requiescat in pace pro tot tantisque beneficiis que alcobacia ab eo suscepit. Nam lhorus suo tempore initium sumpsit et ad finem usque est perductus nec non et domus sacraria hoc est sacristia suis diebus fuit constituta, et *calix aureus mirifice elaboratus*, studia quoque literarum ipse introduxit, et infirmitorium facere jussit.»

Vimos já qual era a impressão de Murphy ácerca do calice d'Alcobaça: vejamos agora qual é a pintura que da sachristia do opulentissimo convento nos faz outro viajante inglez, contemporaneo d'aquelle e que foi hospedado principescamente pelos monges. Beckford, que outro não é o peregrino, mostra-se extasiado deante das maravilhas que lhe apresentaram n'aquelle recinto, verdadeiramente digno de Versailles. Um esplendoroso enxoval ao divino, formado de vasos e alfaias, uns notaveis pela sua antiguidade, outros pela sua riqueza. Das vestes sacerdotaes havia algumas bordadas em Roma, com summo artificio, a ouro e perolas.

Entre os vasos sagrados, Beckford especialisa uns castiçaes de cristal de rocha e uma cruz da mesma materia esmaltada de saphiras, que haviam sido tomados no despojo da capella real na batalha de Aljubarrota, e diversos relicarios de ouro, um d'elles similhante a um que vira no thesouro de Saint-Denis, digno de se attribuir ás proprias mãos de Santo Eloy, o patrono dos ourives. Pareceu-lhe particularmente admiravel um que parecia o modelo d'uma cathedral no estylo de Saint-Chapelle de Paris.

Pela succinta mas deslumbrante descripção de Beckford se reconhece quanto foi defraudado o espolio da sachristia de Alcobaça. A cruz e os castiçaes de cristal, os relicarios de fórma tão delicada, tudo desappareceu na onda da depredação interesseira ou do vandalismo iconoclasta. Não deixa de nos surprehender como o preciosissimo calice passou despercebido á observação do opulento viajante inglez. Outro reparo teriamos a fazer, mas esse ficará para occasião opportuna, quando tractarmos mais especialmente dos

---

interminavel e esganado pescoço, rosnou duas interjeições apimentadas, e, enrolando um lenço por cima da gola do gibão, tornou a affrontar, porém mais abrigado d'esta vez da furia do aguaceiro. Decorridos instantes de attenta observação, metteu-se para dentro, cerrou o caixilho, e veiu sentar-se defronte do tio, com os sobr'olhos e a bocca franzidos. Trazia estampada no afunilado rosto uma verdadeira elegia.

— Então?!... disse o feitor já sobresaltado com a mimica tetrica do sobrinho.

— Fallai no mau, apparelhai o pau!... É o frade!...

— Hein!? bradou Antonio Rodrigues, pondo-se de pé de um pulo e enterrando a carapuça até aos hombros. O frade?!

— Em corpo e alma! Escripto e pintado!... Tem razão, tio. Anda mouro na costa.

— Vem a Senhora D. Magdalena?...

— Não. Vem elle só. Isto leva agua no bico, sr. meu sogro.

— Não te dizia eu, Pedro?... E agora?...

— O dito, dito. Contas com Jorge e Jorge na rua.

— Sabes que mais, homem? Vai-me cheirando tudo isto muito a chamusco. Não gosto nada da vinda do sr. Fr João assim com este segredo... Receio...

— *Valaverunt galhetas*, sr. meu tio! como nós diziamos no convento!... O caso está feio, e d'esta vez a raposa bem podia ficar sem rabo!... melhor, porém, o ha de fazer Deus e sua Mãe Maria Santissima, minha madrinha!... Primeiro do que tudo enxuguemos outro caneco. Este bom vinho alegra a vida e faz crear alma nova. Bom! Agora, a pé! Vá receber o sr. Fr. João, que ha de vir cansado e aborrecido da jornada.

— E tu?...

— Eu... Fico para pôr em ordem umas coisitas. Escute, meu tio! Dê ao sr. Fr. João o quarto dos armarios. É essencial.

— Porquê?...

— Pela bocca morre o peixe!... Depois verá. Adeus! Não faça esperar sua reverendissima e encommende-me nas suas orações á minha devota Senhora Santa Anna ..

— Mau!... Ahi tornas tu com a ladainha dos santos!... Pedro!... Olha lá?... Cuidado com a pelle do sr. Fr. João!

— Vá descansado, tio, não hade haver novidade. Vem ceiar?

— Venho.

— Até logo.

E os dois consocios e parentes separaram-se.

III

— Com que então solto anda o demonio por estes palacios confusos, e afflictos nos vemos com as suas diabruras, Brizida de Souza!?... Muito me contam! Mau é isso!... E você que diz, Romão Pires? Parece ainda mais pasmado do que esta boa velha!... Vamos lá, sr. Antonio Rodrigues, diga-me: aonde é o quartel general de Belzebuth? Ha de saber de certo. E de casa?

— Eu, sr. Fr. João!... Sei só que não se póde parar aqui da meia noite em diante!...

— Ah! sabe isso!?... Já não é pouco! Pois eu lhe digo: cuidei que sabia mais. Acho-o tão roliço e anafado, que vejo que engorda com os sustos.

despojos da batalha de Aljubarrota. No inventario de 1515, já citado, mencionam-se uma cruz grande, cristalina, sem pé, *cousa antiga e boa;* uma cruz cristalina de dois braços, e mais dois castiçaes, da mesma materia, *que sam bôos.* Não se indica porém a circumstancia de terem pertencido ao rei de Castella, o vencido de Aljubarrota.

Seria esquecimento do inventario ou seria phantasia do monge que serviu de ciceron: a Beckford e lhe esteve mostrando as riquezas do thesouro d'Alcobaça?

SOUSA VITERBO.

MODAS

Se os nossos antepassados reapparecessem entre nós, haviam de confessar que tinhamos adoptado d'alma e coração as suas modas, que, na verdade, n'estes tempos modernos, quando sômos considerados capazes de ensinar qualquer cousa e tudo ás nossas avós, estamo-nos deixando ensinar por ellas a arte do vestir como ellas a praticavam nos seus dias de juventude.

A pelerina, a palatina, o manguito monstruoso, o chapeu de plumas, o vestido decotado mostrando os hombros, todas são modas resuscitadas de dias passados, e as pelles que preferiam para os seus passeios. Não é possivel que passeiassem com pelles? Figura-se-me que se não cobriam com nada mais espesso do que uma manta de renda ou um chale de seda, que seja dito entre parenthesis, tornou a apparecer.

As auctoridades n'esta materia parecem ter decidido que vamos render culto ao arminho. Não estou perfeitamente d'accordo, posto estas pelles figurem muito bem e estejam este anno por preço razoavel, mas não creio que se popularizem, (e isto na verdade, tem sua vantagem) porque dão muito nas vistas para uso quotidiano, mas para capas de theatro e guarnecer fatos de creança são lindissimas!

Idealmente bonito uma *sortie de bal*, de panno côr de rosa pallido, guarnecida d'uma tira d'arminho, e dois ou tres cabeções igualmente guarnecidos.

Capinhas de panno branco para creanças ou mesmo casacos de panno de côr, ganhariam muito com gollas ou romeiras d'arminho, e uma *boa* d'arminhos em torno d'um pescocinho, ficaria a matar.

Uzar-se-ha muito este inverno o veludo e far-se-hão *costumes* inteiros, não só de veludo liso mas de veludo lavrado, vincado e com ramagens, e veremos vestidos de lã ou de panno com mangas e *plastron* de velludo.

A *roge* pela renda não tem diminuido; «o comer e o coçar, tudo está em começar,» assim diz o proverbio, e nas *toilettes* para a noite apparecerá sempre a renda, e a applicação de renda sobre seda de côr.

Não permittindo o outomno chuvoso que estamos atravessando, uzar as camisinhas de caça ou de chita, lancemos outra vez mão do casaco aberto, preto ou de côr, mas para variar mais a moda, poderão ter umas frentes de renda em fórma de bofe, mas com menos roda do que d'antes. Tambem se fazem muitas frentes de setim créme d'um tecido inteiramente novo chamado setim oriental, que é macio e rijo.

GIL-BERTA

Anniversarios da semana

Domingo 22 — As sr.as: Viscondessa da Asseca, Viscondessa de S. Torquato, D. Maria Thereza Garcez de Lencastre, D. Maria Eugenia Ribeiro d'Almeida, D. Laura Burnay, D. Maria Luiza Telles.

E os srs.: Conselheiro Mathias de Carvalho e Vasconcellos, Hermenegildo Maria de Moura Telles Faria Blanc (Camarate), Dr. Antonio Gomes da Silva Sanches, Elysio Guedes Coutinho Garrido, Antonio Sergio de Sousa.

Segunda-feira 23 — As sr.as: D. Maria Anna de Sousa Coutinho (Linhares), D. Emilia Adelaide Fonseca (Almofalla), D. Carolina de Castro e Silva, D. Adelina Amelia d'Almeida e Cunha Botelho Sotto Mayor, D. Maria Eugenia de Fontes Pereira de Mello, D. Maria José Codina Telles de Castro, D. Maria Amalia da Silva Barahona e Castro.

E os srs.: Conde de Prime, Annibal Luiz Pereira da Silva, João José Lopes.

Terça-feira 24 — As sr.as: D. Maria do Carmo de Lencastre (Alcaçovas), D. Maria da Gloria da Costa Noronha, D. Christina Amelia As-

---

— O sr. Fr. João gosta de brincar, mas em passando uma noite aqui!...

— Ai, meu Jesus da minha alma! Anjo bento de Nossa Senhora Apparecida!... É da gente botar a fugir, ou de perder o juizo! exclamou a sr.ª Brizida, pondo as mãos.

— Então o sr. Antonio Rodrigues crê que esta noite haverá ensaio geral de Satanaz e da sua côrte, para festejarem a minha chegada?... Muito bem! Cá estamos. *Cor contrictum et humiliatum deus non despiciet!* Pelejaremos com as armas espirituaes, que são as melhores, e com as temporaes, que tambem servem em certas occasiões! Mas como vamos de ceia?... No barco o mau tempo fez-nos jejuar, e sinto-me capaz de tragar um carneiro assado! E o vinho, aquelle bom vinho de 1655, ainda haverá por cá uma gota d'elle? Ha de haver. O sr. Antonio Rodrigues, o melhor copo de Tancos e seus arredores, aposto que não está desprovido de munições de guerra?

Antonio sorriu e coçou a nuca.

— A ceia está ao lume, e não se demora tres credos. Quanto ao vinho... esteja vossa reverendissima descansado.

— Sempre estive. Diga-me, Brizida, achei muito pallida a sr.ª D. Maria. Ella tem passado peior?...

— Não, sr.! Peior não. Mas, com o susto d'estas noites sem somno, a minha rica menina tem perdido as côres. Ella é tão delicadinha, tão fraca!... Ó sr. Fr. João, a menina não podia lêr um nadinha menos, mais o sr. D. Pedro, e respirar mais algum ar em Lisboa?

— Não póde, não senhor!... acudiu o frade em voz de trovão. Meus sobrinhos não se educam para espantalhos de sala!... E você é muito atrevida em se metter a dar conselhos aonde a não chamam!...

— Ai doce Jesus do meu coração! Que disse eu para ouvir uma repostada assim?!... Sabe que mais, sr. Fr. João? Não sou moura, nem perra, nem captiva. Pão em toda a parte se come, e se não fosse o amor dos meus meninos, por esta (e beijou os polegares em cruz) que não aturava uma hora mais n'esta casa!

— Está bom, Brizida de Souza, está bom! Não se inflamme. Sabe que a estimo, que todos em casa lhe queremos muito... mas não me toque n'essa corda. Sei que me accusam de apoquentar os pequenos com os estudos, e que elles não teem uma tosse, uma febrita, de que se não torne logo a culpa aos meus livros!...

— Vale mais asno vivo, do que doutor morto! resmungou a velha ainda irada e incorregivel.

— Mas eu é que não quero na minha familia asnos... vivos, ou mortos, mulher! — bradou o frade fazendo-se côr de purpura e sorvendo duas pitadas com o ruido de um furacão. — Safa! Vossê é capaz de fazer perder a paciencia ao proprio Job!... Bem! Não fallemos mais n'isto, e não faça caso dos meus repentes... Sabe que não sou tão mau como pareço e que trago sempre no coração os meus dois rapazes...

— Sei! Sei! Por isso digo a todos: o sr. Fr. João berra, esbraceja, é um destemperado, mas passa-lhe logo. Cão que ladra não morde. Livre-nos Deus de uns sonsinhos que não quebram um prato, mas que ferram o dente calados...

REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

sis de Carvalho, D. Adelaide da Conceição Gonçalves, D. Amelia L. de Sousa Lobo, D. Maria Amelia dé Oliveira, D. Maria Henriqueta de Carvalho Proença.

E os srs.: Conde de Ottolini, Conselheiro José Eduardo de Magalhães Coutinho, Franciscô Xavier Canavarro Valladares (Ribeira de Pena), José Rosado Dordio Carvalho, Antonio Francisco de Lima e Brito.

Quarta-feira 25 — As sr.as: D. Maria Clementina d'Oliveira, D. Carolina Suzarte, D. Maria Amalia de Lemos.

E os srs.: Bento da Cunha Rebello, D. João de Mello, Carlos Augusto de Mascarenhas.

Quinta-feira 26 — As sr.as: Viscondessa de Pindella, D. Virginia Adalgisa de Lencastre Basto Boharem, D. Guilhermina Rosa Duarte Ribeiro Neves, D. Maria do Carmo José de Mello, D. Palmira Carlota Carmo dé Noronha, D. Maria Carolina Barreiros Cardoso Pereira Brito, D. Maria da Piedade Azevedo Pereira Forjaz de Lacerda, D. Catharina de Sousa Faria e Mello Monteiro.

E os srs.: Barão de Saavedra, Luiz Loureiro Teixeira da Silva Mendes (Loureiro), Bernardo Pinto Soares de Lencastre (Alemtém), Alberto José de Sousa Alvim da Silva Campos (Casal), José Saldanha Ferreira Pinto Basto.

Sexta-feira 27 — As sr.as: D. Luiza da Gloria da Cunha Menezes, D. Luiza do Valle Portugal, D. Maria José de Serpa Pimentel, D. Delphina Amalia Ludovina de Mendonça, D. Bernardina Corrêa de Bastos Pina, D. Adelaide Espregueira, D. Ermelinda de Moraes Sarmento, D. Bernardina Angelica Perdigão Carvalho, D. Maria Palmira d'Araujo, D. Maria Camilla de Seabra Lopes.

E os srs.: Alfredo Casimiro d'Almeida Ferreira (Landal), Manuel Pedro Guedes da Silva.

Sabbado 28 — As sr.as: Condessa da Ribeira Grande, D. Henriqueta Vieira de Magalhães (Alpendurada), D. Maria Luiza Quillinan, D. Anna Eugenia Lapa da Silva, D. Maria Magdalena Heitor da Gama Lobo, D. Maria Ferreira Pinto Castello Branco.

E os srs.: D. João de Lencastre (Louzã). José de Mello Manuel da Camara Lemos (Silvã), José de Menezes (Almeida), Anselmo Ferreira Pinto Basto, Manuel Caetano da Silva Sepulveda.

EPHEMERIDES SEMANAES

9 — Commette-se em Cascaes um fratricidio. José Avelino mata sua irmã, Maria Chinella, com um tiro de revolver.

— É preso o architecto Domingos Parente da Silva, implicado na questão dos roubos das obras publicas.

10 — Parte para Africa o illustre africanista sr. Romão Jesus Maria.

12 — É entregue ao sr. ministro das obras publicas uma representação pedindo que os professores do curso superior do commercio sejam escolhidos d'entre os diplomados com o mesmo curso.

13 — Regresso a Lisboa do sr. conselheiro João Franco Castello Branco.

15 — Tourada no Campo Pequeno promovida por uma commissão de senhoras, presidida por sua magestade a rainha, sendo o producto destinado á construcção d'um asylo para raparigas vadias.

16 — E' remettido para juizo os architectos Parente e Avila, implicados nos roubos das obras publicas.

17 — Partida para Madrid do sr. Sandim Flares, addido militar á legação de Hespanha em Lisboa.

— Chegada a Lisboa da companhia do theatro de D. Maria.

18 — Fallecimento da sr.a marqueza da Praia e Monforte.

— A folha official publica a carta de lei estabelecendo o direito de reunião.

19 — E' assignado o decreto concedendo as honras de official-mór da casa real ao sr. Jorge O'Neill.

20 — Primeira representação da magica a *Lenda do Rei de Granada*, no theatro Avenida.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

A companhia do theatro de D. Maria foi recebida, no seu regresso do Brazil, com todas as manifestações de regosijo, indo os amigos mais dilectos e os admiradores mais enthusiastas dos actores, esperal-os ao Lazareto em vapor especial, com muzica e foguetes.

A companhia teve na sua *tournée* pelo Brazil um acolhimento lisongeiro. As actrizes e os actores eram applaudidos e acclamados em todas as representações; e merecia ao publico e á imprensa brazileira uma especial attenção a gentil actriz Rosa Damasceno, que, pela primeira vez, ia representar fóra do paiz.

Na noite do seu beneficio, o theatro revestiu-se com todas as galas d'uma brilhante festa artistica. Rosa Damasceno foi delirantemente applaudida, e recebeu valiosas prendas, offerecidas pelos seus admiradores.

Os jornaes do Rio de Janeiro consagraram á primorosa artista portugueza os mais sympathicos e fervorosos artigos, realçando as superiores qualidades do seu distinctissimo talento.

E, apesar de na mesma occasião se acharem no Rio de Janeiro as companhias francezas de Sarah Bernardt e de Judic, cabia sempre á companhia portugueza a primazia nas attenções do publico que frequentava os theatros e da imprensa que apreciava o desempenho dos artistas.

Esta acceitação do Brazil, se era lisongeira para os nossos actores não o era menos para o paiz, que ali tinha a represental-o na arte um conjuncto de actores de primeira plana.

A companhia não pôde dar as ultimas representações, em virtude do estado de agitação em que se achava o Rio de Janeiro, quando ella regressou de S. Paulo.

O bombardeamento da esquadra insurrecta, afugentando as principaes familias da capital e alvoroçando todos os animos, fez com que se fechassem os theatros.

Felizmente, nenhum dos nossos actores soffreu com a insurrecção, e poderam chegar sãos e salvos á patria.

D'aqui lhes damos, pois, as boas vindas.

*

Nos outros theatros teem continuado os mesmos espectaculos.

No dia 28 deve abrir-se o Real Colyseu com uma excellente companhia equestre e acrobatica.

*

Praça de touros

E' hoje que se realisa na Praça do Campo Pequeno a tourada em que toma parte o arrojado cavalleiro José Bento de Araujo, que ha muito não temos podido admirar por ter estado contractado em Paris.

O curro pertence ao afamado creador sr. visconde da Varzea.

É de esperar grande concorrencia. E não faltarão ovações a José Bento d'Araujo e aos demais artistas.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio.** **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1